

# **UNIVERSIDADE SANTO AMARO**

## **CURSO DE MEDICINA**

### **Declaração de entrega do Trabalho de Conclusão de Curso**

Declaro que o trabalho intitulado A influência da palhaçoterapia no atendimento infantil ambulatorial realizado pelo(s) aluno(s) Beatriz Leite de Paula, Camila Gomes Pereira, Rebeca Bressan Paixão está apto para entrega, apresentação e avaliação das bancas nomeadas.

Prof<sup>a</sup>. Ma. Cláudia Polubriaginof

Assinatura do Orientador do Trabalho

**UNIVERSIDADE SANTO AMARO**

**CURSO DE MEDICINA**

**Beatriz Leite de Paula**

**Camila Gomes Pereiras**

**Rebeca Bressan Paixão**

**A INFLUÊNCIA DA PALHAÇOTERAPIA NO ATENDIMENTO  
INFANTIL AMBULATORIAL**

**São Paulo**

**2024**

**Beatriz Leite de Paula**

**Camila Gomes Pereira**

**Rebeca Bressan Paixão**

**A INFLUÊNCIA DA PALHAÇOTERAPIA NO ATENDIMENTO  
INFANTIL AMBULATORIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Medicina da Universidade Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Medicina.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Ma. Cláudia Polubriaginof

**São Paulo**

**2024**

**P346i**

**Paula, Beatriz Leite de.**

**A influência da palhaçoterapia no atendimento infantil ambulatorial / Beatriz Leite de Paula, Camila Gomes Pereira, Rebeca Bressan Paixão. – São Paulo, 2024.**

**27 p. : il., color.**

**Orientadora: Cláudia Polubriaginof.**

**TCC Graduação. (Curso Superior em Medicina) - Universidade Santo Amaro, 2024.**

**Bibliografia incluída.**

- 1. Terapia do Riso. 2. Criança. 3. Pediatria. I. Pereira, Camila Gomes. II. Paixão, Rebeca Bressan. III. Polubriaginof, Cláudia, orient. IV. Universidade Santo Amaro. V. Título.**

**CDD 618.928**

**Beatriz Leite de Paula**  
**Camila Gomes Pereiras**  
**Rebeca Bressan Paixão**

**A INFLUÊNCIA DA PALHAÇOTERAPIA NO ATENDIMENTO  
INFANTIL AMBULATORIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Medicina da Universidade Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Medicina.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Ma. Cláudia Polubriagnof

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024

**Banca Examinadora**

Prof<sup>a</sup>. Ma. Cláudia Polubriagnof

Orientador

Prof<sup>a</sup>. Ma. Clara Rodrigues

Avaliador

Prof. Me. Lucas Brito Costa

Avaliador

**Conceito Final** \_\_\_\_\_

Beatriz Leite de Paula, Camila Pereira Gomes, Rebeca Bressan Paixão, Vanessa Furtado do Vale Bento, Cláudia Polubriginof. *A Influência da Palhaçoterapia no Atendimento Infantil Ambulatorial*. [Trabalho de Conclusão de Curso]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade Santo Amaro, 2024.

A palhaçoterapia ou terapia do riso é uma ferramenta que pode ser utilizada no ambiente de saúde para diminuir a tensão e tornar o ambiente mais alegre, no Brasil, essa prática foi inserida por Wellington Nogueira, em 1991, quando fundou o grupo "Doutores da Alegria". Encontram-se estudos promissores quanto ao uso da palhaçoterapia no ambiente hospitalar e na melhora do quadro de saúde das crianças, porém não há dados que demonstrem esse recurso sendo utilizado no ambiente ambulatorial, tendo isso em vista, é útil um estudo que avalie o uso da palhaçoterapia no atendimento ambulatorial infantil para que saiba se é eficaz. Neste trabalho, busca-se avaliar a influência da palhaçoterapia na espera da consulta no ambiente ambulatorial, demonstrar se a intervenção lúdica é capaz de diminuir o medo e estresse das crianças na espera das consultas, explicar como pode ser considerado a palhaçoterapia como terapia não farmacológica no alívio da ansiedade no ambiente ambulatorial e avaliar se a intervenção terapêutica é aceita pelo público-alvo (infantil). A Pesquisa é transversal de avaliação da percepção dos pais e/ou responsáveis sobre a criança, intervenção lúdica dos palhaços no ambulatório de pediatria, seguida de formulário para avaliação do impacto da intervenção. Quando perguntados sobre a percepção da intervenção lúdica com palhaços como benéfica para o comportamento das crianças, a maioria dos responsáveis respondeu positivamente, em questões como "Você acha que sua criança gostaria que houvesse sempre a interação com os palhaços?" e "Você acredita que a palhaçoterapia ajuda as crianças a perderem o medo de ir ao médico ou a ficarem menos ansiosas?", todas as respostas foram 100% positivas. A análise coletada durante a pesquisa se mostrou eficiente quando tratado a intervenção dos palhaços no ambiente ambulatorial trazendo dados promissores.

**Palavras-chave:** Terapia do Riso. Criança. Pediatria.

## **ABSTRACT**

Therapeutic clowns are a tool that may be used in healthcare facilities to relieve tension and turn the environment into a happier one. In Brazil such practice was introduced by Wellington Nogueira in 1991 with the founding of the "Doutores da alegria" group, which can be translated to "Doctors of joy". Promising studies can be found regarding the practice in hospitals and in the improvement of children's conditions, although there is no data regarding its results with outpatients, a study would prove most useful to determine its efficiency. Here we intend to assess the influence and efficiency of therapeutic clowns in waiting rooms, to demonstrate whether its intervention is capable of reducing fear and stress on children while they wait for their turn in the doctor's office, explain how it can be considered as a non-pharmacological therapy to relieve anxiety for outpatients and assess the acceptance of the practice by the target group (Children). It's a cross-sectional study of the perception of children's guardians about the children, the influence of therapeutic clowns for pediatric outpatients followed by a form to assess the impact of the intervention. When inquired about their perception of the influences of the clowns, most parents respond positively to matters such as "Would your child enjoy always having such interactions with the clowns?" and "Do you believe the therapeutic clowns help children feel better about going to the doctor or relieve their anxiety about the visit?" All answers were positive. The analysis made during researched deemed efficient the intervention of therapeutic clowns for outpatients, bringing promising data.

**Keywords:** Laughter Therapy. Child. Pediatrics.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>11</b>
<b>3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>3.1 Características da amostra.....</b>	<b>14</b>
<b>3.2 Análise do comportamento de crianças nas consultas médicas.....</b>	<b>16</b>
<b>3.3 Avaliação da percepção dos responsáveis sobre a intervenção proposta.....</b>	<b>18</b>
<b>3.4 Implicações Práticas e Futuras da Intervenção.....</b>	<b>20</b>
<b>3.5 Limitações.....</b>	<b>20</b>
<b>4 CONCLUSÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>22</b>
<b>APÊNDICE A - A influência da palhaçoterapia no atendimento infantil ambulatorial.....</b>	<b>24</b>

# A INFLUÊNCIA DA PALHAÇOTERAPIA NO ATENDIMENTO INFANTIL AMBULATORIAL

## THE INFLUENCE OF THERAPEUTIC CLOWNS ON INFANT OUTPATIENTS

PAULA, Beatriz Leite<sup>1</sup>

GOMES, Camila Pereira<sup>2</sup>

PAIXÃO, Rebeca Bressan<sup>3</sup>

POLUBRIAGINOF, Cláudia<sup>4</sup>

### RESUMO

A palhaçoterapia ou terapia do riso é uma ferramenta que pode ser utilizada no ambiente de saúde para diminuir a tensão e tornar o ambiente mais alegre, no Brasil, essa prática foi inserida por Wellington Nogueira, em 1991, quando fundou o grupo "Doutores da Alegria". Encontram-se estudos promissores quanto ao uso da palhaçoterapia no ambiente hospitalar e na melhora do quadro de saúde das crianças, porém não há dados que demonstrem esse recurso sendo utilizado no ambiente ambulatorial, tendo isso em vista, é útil um estudo que avalie o uso da palhaçoterapia no atendimento ambulatorial infantil para que saiba se é eficaz. Neste trabalho, busca-se avaliar a influência da palhaçoterapia na espera da consulta no ambiente ambulatorial, demonstrar se a intervenção lúdica é capaz de diminuir o medo e estresse das crianças na espera das consultas, explicar como pode ser considerado a palhaçoterapia como terapia não farmacológica no alívio da ansiedade no ambiente ambulatorial e avaliar se a intervenção terapêutica é aceita pelo público-alvo (infantil). A Pesquisa é transversal de avaliação da percepção dos pais e/ou responsáveis sobre a criança, intervenção lúdica dos palhaços no ambulatório de pediatria, seguida de formulário para avaliação do impacto da intervenção. Quando perguntados sobre a percepção da intervenção lúdica com palhaços como benéfica para o comportamento das crianças, a maioria dos responsáveis respondeu positivamente, em questões como "Você acha que sua criança gostaria que houvesse sempre a interação com os palhaços?" e "Você acredita que a palhaçoterapia ajuda as crianças a perderem o medo de ir ao médico ou a ficarem menos ansiosas?", todas as respostas foram 100% positivas. A análise coletada durante a pesquisa se mostrou eficiente quando tratado a intervenção dos palhaços no ambiente ambulatorial trazendo dados promissores.

**Palavras-chave:** Terapia do Riso. Criança. Pediatria.

---

<sup>1</sup> Graduando em Medicina da Universidade Santo Amaro. [bia23.atm@gmail.com](mailto:bia23.atm@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduando em Medicina da Universidade Santo Amaro. [myllagms94@gmail.com](mailto:myllagms94@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduando em Medicina da Universidade Santo Amaro. [rebecabpaixao@uol.com.br](mailto:rebecabpaixao@uol.com.br)

<sup>4</sup> Professora Orientadora. Mestra, Universidade Santo Amaro-SP. [cpolubriaginof@prof.unisa.br](mailto:cpolubriaginof@prof.unisa.br)

## **ABSTRACT**

Therapeutic clowns are a tool that may be used in healthcare facilities to relieve tension and turn the environment into a happier one. In Brazil such practice was introduced by Wellington Nogueira in 1991 with the founding of the "Doutores da alegria" group, which can be translated to "Doctors of joy". Promising studies can be found regarding the practice in hospitals and in the improvement of children's conditions, although there is no data regarding its results with outpatients, a study would prove most useful to determine its efficiency. Here we intend to assess the influence and efficiency of therapeutic clowns in waiting rooms, to demonstrate whether its intervention is capable of reducing fear and stress on children while they wait for their turn in the doctor's office, explain how it can be considered as a non-pharmacological therapy to relieve anxiety for outpatients and assess the acceptance of the practice by the target group (Children). It's a cross-sectional study of the perception of children's guardians about the children, the influence of therapeutic clowns for pediatric outpatients followed by a form to assess the impact of the intervention. When inquired about their perception of the influences of the clowns, most parents respond positively to matters such as "Would your child enjoy always having such interactions with the clowns?" and "Do you believe the therapeutic clowns help children feel better about going to the doctor or relieve their anxiety about the visit?" All answers were positive. The analysis made during researched deemed efficient the intervention of therapeutic clowns for outpatients, bringing promising data.

**Keywords:** Laughter Therapy. Child. Pediatrics.

## 1 INTRODUÇÃO

A "*clowntherapy*", traduzida como palhaçoterapia ou terapia do riso, consiste na inserção do palhaço no ambiente hospitalar, dada a tentativa de tornar o ambiente mais agradável e alegre para as pessoas que ali estão. Sabe-se que o palhaço está inserido na sociedade desde 2400 a.C, e ao longo da história houveram mudanças quanto sua forma de apresentação, mas a essência sempre foi a mesma, os palhaços estão presentes em diversas culturas com o mesmo intuito: entreter, aliviar o sofrimento, alegrar.<sup>1</sup> Tendo isso em vista, desde 1960, tem-se conhecimento sobre a terapia do riso, a qual foi inserida no ambiente hospitalar por Hunter Adams.<sup>2</sup>

Hunter Doherty Adams foi um médico americano que acreditava na palhaçoterapia, portanto desde sua época como acadêmico ele já utilizava essa ferramenta em hospitais e escolas, usava um nariz vermelho para fazer as visitas aos pacientes e hoje é conhecido como Patch Adams e reconhecido como o primeiro médico palhaço. Em 1986, começaram a trabalhar médicos palhaços nos hospitais dos Estados Unidos e atualmente existem programas de médicos-palhaços em diversos lugares como nos Estados Unidos, Canadá, Europa e Ásia. Esses programas oferecem treinamento para os médicos, principalmente quando estes irão lidar com o público infantil.<sup>1,2</sup>

No Brasil, a prática da palhaçoterapia teve início com Wellington Nogueira em 1991, o qual após trabalhar em Nova Iorque na *Clown Care Unit* trouxe a ideia para seu país e fundou os Doutores da Alegria. Esse grupo é uma organização da sociedade civil que reúne centenas de palhaços atuantes no país e foi referência para outros grupos na prática da palhaçoterapia.<sup>3</sup>

No geral, os estudos da "*clown therapy*" mostraram que palhaços ajudam a criar uma atmosfera festiva nos hospitais e distrair as crianças durante procedimentos médicos, facilitando a cooperação, incentivando a comunicação e influenciando positivamente a saúde mental e boas maneiras. Além disso, reduz os níveis de dor e medo das crianças, diminui os sinais de estresse e estimula a cura de lesões emocionais.<sup>4</sup> Todavia, ressalta-se que esses ensaios com médicos palhaços na população hospitalar mostraram resultados ainda conflitantes e limitados,<sup>5</sup> entretanto, apesar de sua baixa representatividade no meio científico e de

não ter sido amplamente aceita como prática de saúde, os benefícios da utilização da palhaçoterapia no ambiente hospitalar é sustentada cada vez mais pelos novos estudos acerca da temática.<sup>3</sup>

O humor é uma ferramenta que atua diretamente na diminuição dos níveis de cortisol e outros hormônios de estresse, produzidos no ambiente hospitalar, quando aplicado desde o início do tratamento em pacientes infantis a palhaçoterapia funciona como uma peça importante do processo de suporte e acolhimento tanto destes pacientes quanto de seus familiares, assim, com base no que foi abordado o humor corroborou com os benefícios tanto psicológicos como fisiológicos.<sup>6</sup>

A elevação do cortisol ocorre através da exposição ao estresse, pode gerar diversas patologias, com a supressão da atividade das células Natural Killer e a proliferação de células T, por exemplo, são responsáveis pela queda da imunidade. Este é um dado importante a ser observado, pois quanto mais aconchegante e alegre o ambiente de tratamento, menor a exaustão e conseqüentemente menor a elevação de cortisol. Uma das conseqüências importantes da cascata de ativação entre os hormônios ativados no Sistema Nervoso Central (SNC) e subsequentemente o sistema nervoso autônomo é a elevação da insulinemia, podendo levar o paciente a descompensação da glicose e automaticamente descompensa outros hormônios, pois a insulina é reguladora hormonal, essa desregulação tem como principal conseqüência a hiperglicemia nesses pacientes. Analisando esses dados podemos identificar a importância da pesquisa a adoção da palhaçoterapia como ferramenta multidisciplinar não farmacológica contribuindo para o bem-estar psicológico e alívio do sofrimento destes indivíduos.<sup>7</sup> O humor salva-vidas e as crianças são o futuro da nação.

A arte circense implantada dentro do contexto da saúde, já tem deixado uma gama de resultados positivos tanto na melhora do medo e temor das crianças em relação aos procedimentos hospitalares, quanto na melhora de apetite, sono e uma melhora significativa na adesão desses procedimentos, principalmente em pré-operatórios.<sup>8</sup> Palhaços médicos geralmente são membros da equipe com o objetivo de dar apoio às crianças que passarão por procedimentos que causam medo, angústia, insegurança estresse, desconforto e outros diversos sentimentos que dificultam a ação dos médicos e enfermeiros, muitos utilizam de diversas artes circenses como mágica, malabarismo, mímica, interpretações dentre outras.<sup>9</sup>

Conforme foi observada a necessidade de dinamização em atendimentos pediátricos foram criados locais e atividades que interagem com a criança com a intenção de mantê-la calma e distraída sem causar pânico, então foram implantadas salas lúdicas como brinquedotecas em hospitais, programas de contação de histórias, música e os palhaços médicos, que buscam a diminuição dos impactos e efeitos adversos da hospitalização na criança. Brincar é a forma de manifestação e integração das crianças no mundo de modo a explorar e experienciar a vida e reconhecer sentimentos aprendendo a lidar com os mesmos.<sup>10</sup>

Os palhaços são treinados através de oficinas preparatórias, aulas de maquiagem, reuniões com voluntários mais experientes, discussões de filmes, documentários e textos sobre o assunto. Se vestem de maneira colorida e divertida com enfeites para despertar a curiosidade de crianças, face maquiada com sobrancelhas diferentes, pele branca e o nariz avermelhado, cada membro tem seu nome de palhaço e uma personalidade própria, tudo isso predefinido e treinado antes. São utilizados brinquedos, jogos, livros, instrumentos, entre outros, mas o mais importante é o encontro humano tanto palhaço-paciente quanto palhaço-palhaço.<sup>11</sup>

As formas de interagir variam, há casos de os integrantes ficarem em um local fixo como uma brinquedoteca criando um ambiente fixo onde as crianças vão até o palhaço para se distraírem, de outra maneira esses optam por deambular pelas instituições indo até os pacientes em seus leitos para interagir ludicamente. O brinquedo e a brincadeira é a porta comunicante entre criança e profissional da saúde.<sup>11</sup>

O atendimento médico ao público infantil tem um desafio importante acerca do medo e estresse vivido pelas crianças no ambiente ambulatorial, sabe-se que a utilização de recursos lúdicos nesse tipo de desafio tem obtido sucesso, visto que a maioria das crianças gostam do entretenimento gerado. Na literatura, encontram-se estudos promissores quanto ao uso da palhaçoterapia ou terapia do riso no ambiente hospitalar e na melhora do quadro de saúde das crianças, porém não há dados que demonstrem esse recurso sendo utilizado no ambiente ambulatorial, tendo isso em vista, é útil um estudo que avalie o uso da palhaçoterapia no ambiente ambulatorial infantil para que se tenha os dados necessários e saiba se é

ou não uma ideia promissora haver consequente melhora na vida dos indivíduos envolvidos.

O objetivo deste trabalho é avaliar a influência da palhaçoterapia na espera da consulta no ambiente ambulatorial, bem como demonstrar se a intervenção lúdica é capaz de diminuir o medo e estresse das crianças na espera das consultas, explicar como pode ser considerado a palhaçoterapia como terapia não farmacológica no alívio da ansiedade no ambiente ambulatorial e avaliar se a intervenção terapêutica é aceita pelo público alvo (infantil).

## **2 METODOLOGIA**

Caracteriza-se como uma pesquisa transversal de avaliação da percepção dos pais e/ou responsáveis legais sobre sua criança. A pesquisa foi realizada na Policlínica da Universidade Santo Amaro, localizada na rua Alfonso de Albuquerque, número 500, bairro Jardim das Imbuías, mediante carta de anuência. Os sujeitos da pesquisa foram as crianças que vão aos atendimentos na policlínica da Unisa, bem como seus pais e/ou responsáveis, para isso, a amostragem foi por conveniência. Esta pesquisa está de acordo com a Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, foi submetido e aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) bem como foi utilizado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, Termo de Assentimento e Termo de Confidencialidade.

Para realização de seleção das crianças que fizeram parte do estudo, foram considerados critérios de inclusão e exclusão. Os critérios de inclusão conferem os fundamentos para elegibilidade das crianças a serem analisadas e de seus pais e/ou responsáveis para preenchimento dos dados a serem estudados. Para isto, apenas foram consideradas:

- Crianças a partir de 1 ano completo de idade até 12 anos incompletos;
- Crianças com qualquer déficit cognitivo e/ou motora;
- Crianças de ambos os sexos;
- Pais com qualquer grau de escolaridade.

Os critérios de exclusão conferem os fundamentos para a inelegibilidade das crianças a serem analisadas. Para isto, não foram consideradas:

- Crianças abaixo de 1 ano completo de idade;
- Crianças que apresentem algum grau de desconforto na intervenção.

A descrição da coleta de dados foi feita por meio do auxílio de tabelas contendo as respostas obtidas no formulário anexado. APÊNDICE A - A influência da palhaçoterapia no atendimento infantil ambulatorial. O presente estudo teve como variáveis:

- Influência da palhaçoterapia;
- Nível de estresse da criança;
- Sexo da criança;
- Idade da criança;

A intervenção com a palhaçoterapia foi realizada no ambulatório infantil durante os meses 08, 09, 10 e 11 do ano 2023, em dias aleatórios na semana, onde duas das pesquisadoras se caracterizavam de palhaças interagindo com as crianças que estavam na recepção do ambulatório e a terceira pesquisadora ficava responsável pela aplicação do questionário aos pais e/ou responsáveis das crianças após a intervenção lúdica, essa sem a caracterização de palhaça.

A pesquisa foi feita em duas etapas:

Primeira etapa: realizada a atividade lúdica na recepção do ambulatório no momento de espera para a consulta, onde duas pesquisadoras se caracterizavam como palhaças com maquiagem, sendo utilizado pancake, blush, lápis na sobrancelha, nariz de látex e máscara cirúrgica. As pesquisadoras iam trajadas com roupas apropriadas, calça e blusa coloridas e também acessórios como colares, brincos e adereços de cabelo. Com isso, as palhaças ficavam na recepção do ambulatório interagindo com os pacientes e seus acompanhantes, utilizando materiais como balão, papel A4 colorido e brinquedos disponíveis na brinquedoteca do ambulatório para a realização de brincadeiras explorando a imaginação das crianças e incentivando o riso. As brincadeiras eram: conversas, encenações,

piadas, improviso, dobraduras com folha A4, esculturas de balões, cantorias e danças.

Segunda etapa: realizada por outra pesquisadora, a qual não tinha participado da primeira etapa, ela abordava os pais e/ou responsáveis após a consulta realizada, e aplicava o questionário caso estes o quisessem. APÊNDICE A - A influência da palhaçoterapia no atendimento infantil ambulatorial.

O instrumento de coleta de dados foi um formulário elaborado pelas pesquisadoras contendo 15 perguntas relacionadas à criança e sua relação com o serviço de saúde. No formulário há duas perguntas abertas questionando o nome e a idade do paciente, além disso, perguntas objetivas sobre o comportamento da criança e sobre a visão dos pais em relação a influência da palhaçoterapia. APÊNDICE A - A influência da palhaçoterapia no atendimento infantil ambulatorial.

O presente estudo traz como riscos e benefícios para a população estudada.

Riscos:

- “Risco mínimo”;
- Cansaço ou aborrecimento ao responder o questionário;
- Risco de danos psicológicos inclui o risco de produzir estados negativos ou comportamento alterado, incluindo estresse, ansiedade, desconforto e sentimentos de medo.

Benefícios:

- Contribuir para promoção de maior qualidade no tempo de espera;
- Auxiliar no alívio do estresse dos pacientes;
- Apoiar a formação de um ambiente mais dinâmico;
- Auxiliar no conforto dos pais.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1 Característica da amostra

A amostra consistiu em 53 participantes, bem distribuídos entre os sexos feminino e masculino (tabela 1). As crianças que participaram da intervenção lúdica tinham idades entre 1 e 11 anos, com predominância na faixa etária de 1 a 4 anos, correspondendo a 28 crianças (53,1%) (tabela 2). O questionário da pesquisa foi aplicado aos acompanhantes das crianças, maioritariamente parentes de primeiro grau, principalmente mães, que representaram 92,4% da amostra (tabela 3). Foram questionados seu grau de escolaridade, a maioria tem ensino médio completo totalizando 50,94%, sendo 15,09% com ensino fundamental incompleto e 15,09% com ensino superior completo (tabela 4).

**Tabela 1** – Distribuição do gênero das crianças atendidas na Policlínica da Universidade Santo Amaro que receberam intervenção da palhaçoterapia, 2024.

	n	%
Feminino	22	41,5
Masculino	31	58,5

**Tabela 2** – Faixa etária das crianças atendidas na Policlínica da Universidade Santo Amaro que receberam intervenção da palhaçoterapia, 2024.

	n	%
1 - 4	28	53,1
5 - 7	16	30,1
8 - 11	9	16,8

**Tabela 3** – Parentesco dos responsáveis pelas crianças atendidas na Policlínica da Universidade Santo Amaro que receberam intervenção da palhaçoterapia, 2024.

	n	%
Mãe/Pai	49	92,4
Avós	3	5,6
Amigo da família	1	1,8

**Tabela 4** – Escolaridade dos responsáveis pelas crianças atendidas na Policlínica da Universidade Santo Amaro que receberam intervenção da palhaçoterapia, 2024.

	n	%
Ensino Fundamental incompleto	8	15,09
Ensino Fundamental completo	6	11,32
Ensino Médio incompleto	1	1,89
Ensino Médio completo	27	50,94
Ensino Superior incompleto	2	3,78
Ensino Superior completo	8	15,09
Sem escolaridade	1	1,89

A amostra composta por 53 participantes apresentou uma distribuição equilibrada entre os sexos feminino e masculino, permitindo uma análise representativa dos efeitos da palhaçoterapia em ambos os gêneros. A

predominância das crianças na faixa etária de 1 a 4 anos (53,1%) é relevante, sendo esse perfil demográfico pouco abordado em estudos anteriores, uma exceção é o estudo de Meri.N et al (2016), que também avaliaram os efeitos da palhaçoterapia em crianças dessa faixa etária, destacando sua eficácia em reduzir a ansiedade e a dor durante procedimentos médicos.<sup>12</sup> Além disso, o envolvimento majoritário de mães como acompanhantes reflete o papel significativo das mães no cuidado infantil e destaca sua importância como parte interessada na eficácia da intervenção.

### **3.2 Análise do comportamento de crianças nas consultas médicas**

Foram feitas perguntas sobre o comportamento típico de cada criança no ambiente ambulatorial, resultando em uma variedade de respostas. A maioria dos pais afirmou que as crianças gostam de ir ao médico (60,38%). Contudo, também relataram que essa visita ao ambiente médico frequentemente provoca estresse (32,08%), inquietação (75,47%) e timidez (43,4%) nas crianças, desde a recepção até a entrada no consultório (tabela 5).

A pesquisa atual se concentra especificamente na influência da palhaçoterapia na espera da consulta em ambientes ambulatoriais, enquanto muitos dos estudos revisados exploraram os efeitos dessa intervenção em contextos específicos, como procedimentos médicos invasivos, cirurgias e situações de emergência.

Os dados sobre o comportamento das crianças no ambiente ambulatorial destacam os desafios enfrentados por elas durante as consultas médicas. Os resultados mostraram que uma parcela significativa experimenta estresse, inquietação e timidez nesse contexto.

No que se diz respeito aos benefícios da terapia em ambiente hospitalar com palhaços, observa-se que sua presença colabora com o riso, a alegria e possibilita a mudança de foco do agravo em saúde e traz o enfoque para o sujeito e seus processos subjetivos, permitindo uma abordagem mais humanizada e integral. Fisiologicamente, o riso estimula a liberação de endorfina, hormônio que gera um efeito similar ao da analgesia, ajudando a prevenir o estresse e doenças e a ressignificar o difícil cotidiano hospitalar.<sup>13</sup> Nesse sentido, observa-se que o simples estímulo do bom humor constitui uma modalidade terapêutica fácil de usar, barata, natural e adaptável ao ambiente e as diferentes necessidades terapêuticas.<sup>3</sup>

Ainda nesse campo dos efeitos orgânicos, observou-se, através de um estudo prospectivo que visava relacionar a intervenção de palhaços com crianças hospitalizadas e o nível de cortisol (importante biomarcador fisiológico do estresse), a redução do cortisol salivar em todos os participantes que receberam a palhaçoterapia indicando relativa atenuação dos efeitos da hospitalização e seu possível efeito colaborador no processo de recuperação da saúde.<sup>3</sup>

**Tabela 5** – Perguntas do questionário a respeito do comportamento típico das crianças atendidas na Policlínica da Universidade Santo Amaro que receberam intervenção da palhaçoterapia, 2024.

	Sim (%)	Não (%)
A criança que você está acompanhando gosta de ir ao médico?	60,4	39,6
Tem medo do médico?	32,1	67,9
Fica estressado quando vai na consulta pediátrica?	32,1	67,9
Chora quando vai se consultar com o médico?	28,3	71,7
Na recepção do consultório geralmente ela: Interage com as outras crianças?	75,5	24,5
Na recepção do consultório geralmente ela: Fica inquieta?	75,5	24,5
Na recepção do consultório geralmente ela: Chora?	26,4	73,6
Na recepção do consultório geralmente ela: Fica tímida?	43,4	56,6

Já os aspectos mais subjetivos, como o impacto psicológico desse tipo de terapia foi analisado em uma revisão sistemática com metanálise de ensaios

clínicos randomizados que estudava o efeito em crianças, pais e adultos internados. Notou-se que o tamanho da redução da ansiedade foi grande com as crianças e médio com os pais, e que os palhaços médicos também demonstraram ser eficazes em induzir atitudes positivas em pacientes geriátricos, especialmente os com demência, pacientes com distúrbios psiquiátricos e em diálise.<sup>5</sup>

### **3.3 Avaliação da percepção dos responsáveis sobre a intervenção proposta**

Quando perguntados sobre a percepção da intervenção lúdica com palhaços como benéfica para o comportamento das crianças, a maioria dos responsáveis respondeu positivamente. Em questões como "Você acha que sua criança gostaria que houvesse sempre a interação com os palhaços?", "Você achou que sua criança gostou da interação com os palhaços?", "Você gostaria que houvesse interações com palhaços em outros serviços de saúde?" e "Você acredita que a palhaçoterapia ajuda as crianças a perderem o medo de ir ao médico ou a ficarem menos ansiosas?", todas as respostas foram 100% positivas (tabela 6).

Entretanto, na pergunta "Você notou diferença no comportamento da criança que você está acompanhando na presença dos palhaços? (ela ficou mais tranquila?)", houve 7 respostas negativas, totalizando 13,2% da amostra. Adicionalmente, quando perguntados "Você se sente mais tranquilo vindo às consultas sabendo que haverá palhaços para interagir com sua criança?", houve uma resposta negativa, representando 1,9% da amostra.

A percepção positiva dos responsáveis sobre a palhaçoterapia indica que essa intervenção é amplamente aceita e valorizada como uma forma de melhorar a experiência das crianças no ambiente ambulatorial, refletindo o impacto positivo não apenas nas crianças, mas também nos adultos responsáveis por elas. Todos os participantes concordaram que as crianças gostariam de interações contínuas com palhaços, que gostaram das interações, que estas deveriam ser implementadas em outros serviços de saúde, e que a palhaçoterapia ajuda a reduzir o medo e a ansiedade das crianças em relação ao médico. Esses achados corroboram com estudos anteriores que associam a presença dos palhaços à diminuição significativa da ansiedade e medo em crianças hospitalizadas,

promovendo um ambiente mais acolhedor, humanizado e suportivo e sendo ferramenta de promoção do bem-estar emocional.<sup>5,8,14</sup>

**Tabela 6** – Perguntas sobre a percepção dos pais a respeito da interação das crianças atendidas na Policlínica da Universidade Santo Amaro que receberam a intervenção da palhaçoterapia, 2024.

	Sim (%)	Não (%)
O (A) senhor (a) sentiu diferença, no comportamento da criança que você está acompanhando, na presença dos palhaços? (ela ficou mais tranquila?)	86,8	13,2
O (A) senhor (a) acha que sua criança gostaria que houvesse sempre a interação com os palhaços?	100	0
O (A) senhor (a) se sente mais tranquilo vindo às consultas sabendo que terão palhaços para interagir com sua criança?	98,1	1,9
O (A) senhor (a) achou que sua criança gostou da interação com os palhaços?	100	0
O (A) senhor (a) gostaria que tivesse interações com palhaços em outros serviços de saúde?	100	0
O (A) senhor (a) acredita que a palhaçoterapia ajuda as crianças a perderem o medo de ir ao médico ou ficarem menos ansiosas?	100	0

Embora a maioria dos responsáveis tenha observado uma melhora no comportamento das crianças na presença dos palhaços, algumas respostas negativas indicam que a palhaçoterapia mesmo que mínimas pode não ser igualmente eficaz para todas as crianças. Este resultado sugere que a

palhaçoterapia pode não ser igualmente eficaz para todas as crianças, possivelmente devido a diferenças individuais ou contextuais, como apontado por Felluga et al. (2016), que identificaram variações na eficácia da palhaçoterapia em diferentes configurações e populações pediátricas.<sup>15</sup> Essas discrepâncias sugerem a necessidade de considerar abordagens personalizadas ou complementares para atender às necessidades individuais das crianças e garantir resultados mais consistentes.

### **3.4 Implicações Práticas e Futuras da Intervenção**

No geral, a pesquisa sublinha a importância das intervenções lúdicas como uma ferramenta valiosa para melhorar a experiência pediátrica em ambientes ambulatoriais. No entanto, também destaca a necessidade de ajustes personalizados e contínuos para atender às necessidades específicas de todas as crianças e seus acompanhantes. Estudos futuros podem explorar métodos complementares para melhorar a eficácia da intervenção e investigar a influência de fatores contextuais e individuais na resposta das crianças à palhaçoterapia.

### **3.5 Limitações**

O presente estudo possui algumas limitações que devem ser consideradas ao interpretar os resultados. A generalização dos achados pode ser comprometida pelo tamanho da amostra e sua representatividade, pois a amostra pode não refletir adequadamente a população pediátrica em termos de idade, condições de saúde e histórico de visitas ao ambulatório. Além disso, a avaliação do impacto da palhaçoterapia é baseada nas percepções dos pais ou responsáveis, introduzindo um viés subjetivo, já que suas percepções podem ser influenciadas por expectativas pessoais e experiências anteriores, afetando a objetividade dos resultados.

Outra limitação significativa é a ausência de um grupo de controle, o que dificulta a atribuição das mudanças observadas diretamente à palhaçoterapia. Sem um grupo comparativo, não é possível determinar se os efeitos são decorrentes da intervenção ou de outros fatores externos. A natureza transversal do estudo, que avalia apenas um ponto específico no tempo, impede a análise da duração e continuidade dos efeitos da intervenção lúdica, não permitindo verificar

se os efeitos persistem em visitas subsequentes ou têm um impacto prolongado na saúde e bem-estar das crianças.

A eficácia da palhaçoterapia pode variar conforme diferentes abordagens ou estilos dos palhaços, e a falta de padronização nas intervenções pode resultar em variabilidade nos resultados, dificultando a atribuição dos efeitos à palhaçoterapia em si. Além disso, o estudo é conduzido em um ambiente ambulatorial específico, o que pode limitar a aplicabilidade dos resultados a outros contextos, como hospitais, clínicas privadas ou diferentes regiões geográficas.

Finalmente, a aceitação da palhaçoterapia pode variar entre diferentes crianças e seus pais, influenciada por fatores culturais, sociais e individuais. Essa variabilidade pode afetar a percepção de eficácia e a aceitação geral da intervenção, introduzindo um potencial viés nos resultados. É crucial considerar essas limitações ao interpretar os resultados do estudo e recomendar a realização de estudos futuros com amostras maiores e mais diversas, incluindo grupos de controle, para validar e aprofundar os achados apresentados.

#### **4 CONCLUSÃO**

A palhaçoterapia em ambientes de saúde é considerada como vigente, especialmente no Brasil. Trazendo consigo benefícios não farmacológicos como a liberação de endorfina, gerando efeito similar a analgesia. E assim inibindo a elevação hormonal do cortisol, responsável por ser fator gerador de estresse.<sup>13</sup>

Diante dos objetivos desta pesquisa, foi possível analisar a influência dessa intervenção na sala de espera no ambiente ambulatorial, uma vez que evidencia a capacidade de diminuir o estresse, ansiedade e inquietude por parte do público infantil, como medida não farmacológica. Porém, houveram algumas limitações encontradas neste estudo, como: ausência de grupo controle, percepção dos pais diante da forma terapêutica. Ineficácia da abordagem a depender de sua faixa etária.

Por conseguinte, os resultados demonstraram que apesar das crianças gostarem de ir ao médico, apresentam em uma grande maioria: inquietação, algumas timidez e estresse, durante o tempo de espera. No entanto, houve uma superioridade no número de respostas no qual os responsáveis notaram diferença

no comportamento das crianças de forma positiva e na perda do medo em ir ao médico ao fazer uso de tal abordagem, os responsáveis que relataram que não houve mudança no comportamento foram aqueles que salientaram que suas crianças não possuem problemas em relação a consulta e ambiente de saúde. Ademais, notou-se tranquilidade e maior aceitação a novas consultas sabendo que teriam os palhaços para a interação destas.

Portanto, é inegável a valorização da palhaçoterapia já que esta vem se mostrando uma técnica valiosa no contexto da saúde, com benefícios emocionais e psicológicos para crianças e seus acompanhantes, não somente ambulatorial como nesta pesquisa, mas ofertado em todos os campos de serviços de saúde. A pesquisa evidencia que a introdução de palhaços em ambientes médicos transforma esses espaços, tornando-os mais acolhedores e menos estressantes. A interação lúdica e a leveza trazidas pelos palhaços ajudam a aliviar a tensão, promovendo um ambiente mais positivo e favorecendo o bem-estar dos pacientes, serviço esse que torna a medicina mais humana e menos intimidante, estratégia que se mostra eficaz para melhorar a qualidade do cuidado, proporcionando benefícios emocionais significativos que complementam o tratamento médico tradicional.

## REFERÊNCIAS

1. Isaacs D. Clowns and clown doctors. *J Paediatr Child Health*. 2021 Dec;57(12):1844-1846.
2. Alcântara PL, Wogel AZ, Rossi MI, Neves IR, Sabates AL, Puggina AC. Effect of interaction with clowns on vital signs and non-verbal communication of hospitalized children. *Rev Paul Pediatr*. 2016 Dec;34(4):432-438.
3. Catapan SC, Oliveira WF, Rotta TM. Palhaçoterapia em ambiente hospitalar: uma revisão de literatura [Clown therapy in the hospital setting: A review of the literature]. *Cien Saude Colet*. 2019 Sep 9;24(9):3417-3429.
4. Kurudirek F, Arikan D, Sarialioğlu A. Effects of therapeutic clowning on pain and anxiety during venous blood sampling in Turkey: Randomised controlled trial. *Journal for Specialists in Pediatric Nursing*. 2021 Jul 3;26(4).

5. Sridharan K, Sivaramakrishnan G. Therapeutic clowns in pediatrics: a systematic review and meta-analysis of randomized controlled trials. *European Journal of Pediatrics*. 2016 Sep 8;175(10):1353–60.
6. Buiting HM, de Bree R, Brom L, Mack JW, van den Brekel MWM. Humour and laughing in patients with prolonged incurable cancer: an ethnographic study in a comprehensive cancer centre. *Qual Life Res*. 2020 Sep;29(9):2425-2434.
7. Lopes-Junior LC, Silveira DSC, Olson K, Bomfim EO, Veronez LC, Santos JC, et al. Clown Intervention on Psychological Stress and Fatigue in Pediatric Patients With Cancer Undergoing Chemotherapy. *Cancer Nurs*. 2020 Jul/Aug;43(4):290-299.
8. Fernandes, S., & Arriaga, P. (2010). The effects of clown intervention on worries and emotional responses in children undergoing surgery. *Jornal Health Psychology*, 15, 405-415.(1)
9. Karisalmi N, Mäenpää K, Kaipio J, Lahdenne P. Measuring patient experiences in a Children's hospital with a medical clowning intervention: a case-control study. *BMC Health Serv Res*. 2020 Apr 26;20(1):360.
10. Caires, Susana et al. Palhaços de hospital como estratégia de amenização da experiência de hospitalização infantil. *Psico-USF [online]*. 2014, v. 19, n. 3 [Acessado 27 Outubro 2022] , pp. 377-386. Epub 09 Jan 2015. ISSN 2175-3563.
11. Simpson CA, Azevedo DM de, Santos JJ da S, Justino MAR, Miranda FAN de. O brincar como instrumento terapêutico na visão da equipe de saúde. *Cienc Cuid Saúde [Internet]*. 24º de junho de 2008 [citado 27º de outubro de 2022];6(3):335-41. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/4018>
12. Meiri, N., Ankri, A., Hamad-Saied, M. et al. O efeito da palhaçada médica na redução da dor, do choro e da ansiedade em crianças de 2 a 10 anos de idade submetidas a coleta de sangue venoso - um estudo randomizado e controlado. *Eur J Pediatr* 175 , 373–379 (2016). <https://doi.org/10.1007/s00431-015-2652-z>

13. Costa TCP da, Cunha AVS, Azevedo IE de, Hernandez RS. A humanização e o palhaço: entre significados e sorrisos. *Research, Society and Development* [Internet]. 2022 Feb 6;11(2):e59411226222–e59411226222. Available from: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/26222>
14. Finlay F, Baverstock A, Lenton S. "Therapeutic clowning in paediatric practice." *\*Clin Child Psychol Psychiatry.\** 2014 Oct;19(4):596-605. doi: 10.1177/1359104513492746. Epub 2013 Jul 12. PMID: 23855014.
15. Felluga M, Rabach I, Minute M, Montico M, Giorgi R, Lonciari I, Taddio A, Barbi E. "A quasi randomized-controlled trial to evaluate the effectiveness of clowntherapy on children's anxiety and pain levels in emergency department." *\*Eur J Pediatr.\** 2016 May;175(5):645-50. doi: 10.1007/s00431-015-2688-0. Epub 2016 Jan 12. PMID: 26755209.

#### **APÊNDICE A - A influência da palhaçoterapia no atendimento infantil ambulatorial.**

- 1) Idade da criança: \_\_\_\_\_.
- 2) Gênero:
  - A. Masculino.
  - B. Feminino.
- 3) É sua primeira vez no serviço?
  - A. Sim.
  - B. Não.
- 4) A criança que você trouxe ao atendimento é seu/sua:
  - A. Filho (a).
  - B. Sobrinho (a).
  - C. Irmão (ã).
  - D. Neto (a).

- E. Parente (distante).
- F. Amigo (a) da família.

5) Qual seu nível de escolaridade?

- A. Sem escolaridade.
- B. Ensino Fundamental incompleto.
- C. Ensino Fundamental completo.
- D. Ensino Médio incompleto.
- E. Ensino Médio completo.
- F. Ensino Superior incompleto.
- G. Ensino Superior completo.

6) A criança que você está acompanhando gosta de ir ao médico?

- A. Sim.
- B. Não.

7) Tem medo do médico?

- A. Sim.
- B. Não.

8) Fica estressado quando vai na consulta pediátrica?

- A. Sim.
- B. Não.

9) Chora quando vai se consultar com o médico?

- A. Sim.
- B. Não.

10) Na recepção do consultório geralmente ela:

- A. Interage com as outras crianças: Sim ( ) Não ( )

- B. Fica inquieta: Sim ( ) Não ( )
- C. Chora: Sim ( ) Não ( )
- D. Fica tímida: Sim ( ) Não ( )
- E. Não muda de comportamento do que ela é normalmente:  
Sim ( ) Não ( )

11) O (A) senhor (a) sentiu diferença, no comportamento da criança que você está acompanhando, na presença dos palhaços? (ela ficou mais tranquila?)

- A. Sim.
- B. Não.

12) O (A) senhor (a) acha que sua criança gostaria que houvesse sempre a interação com os palhaços?

- A. Sim.
- B. Não.

13) O (A) senhor (a) se sente mais tranquilo vindo às consultas sabendo que terão palhaços para interagir com sua criança?

- A. Sim.
- B. Não.

14) O (A) senhor (a) achou que sua criança gostou da interação com os palhaços?

- A. Sim.
- B. Não.

15) O (A) senhor (a) gostaria que tivesse interações com palhaços em outros serviços de saúde?

- A. Sim.
- B. Não.

16) O (A) senhor (a) acredita que a palhaçoterapia ajuda as crianças a perderem o medo de ir ao médico ou ficarem menos ansiosas?

A. Sim.

B. Não.